

O pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo

Elias Machado

Resumo

Jornalista profissional antes de empreender uma brilhante carreira como sociólogo, o norte-americano Robert Ezra Park sempre teve o jornalismo como questão central em suas pesquisas. Como objeto de estudo específico, o jornalismo mereceu a atenção de Park em dois livros - *Crowd and Public*, tese de doutorado, defendida na Alemanha em 1903 e somente traduzida para o inglês em 1972, e *The Immigrant Press and its problems*, de 1921 - e em dezenas de artigos em revistas científicas especializadas. A extensa obra publicada durante a carreira de docente de Park apresenta muitas contribuições fundamentais aos estudos do jornalismo. Neste artigo destaco duas delas: 1) define o jornalismo como uma forma de conhecimento; 2) propõe que o jornalismo seja estudado como uma instituição social.

Palavras-chave

Robert Park, jornalismo, sociologia, conhecimento, instituição social

Abstract

A professional journalist before developing his brilliant career as a North American sociologist, Robert Ezra Park always put journalism at the center of his work as a researcher. He wrote two books about it: *Crowd and Public*, based on his doctoral dissertation presented in Germany, in 1903, and translated to English only in 1972, and *The Immigrant Press and its Problems*, published in 1921, besides dozens of articles that appeared in specialized magazines. His wide-ranging work published during his career as a university professor offers several fundamental contributions to the journalism study. In this article I focus on two of them: his definition of journalism as a form of knowledge and his suggestion to study journalism as a social institution.

Keywords

Robert Park, journalism, knowledge, social institution

Depois de 11 anos de trabalho como jornalista em Minneapolis, Denver, Detroit, Nova Iorque e Chicago, como conta em nota autobiográfica escrita em 1903 (PARK:1972,3), Robert Park, tendo claro que o jornalismo era o seu objeto de pesquisa, decidiu matricular-se na Universidade de Harvard em 1898 “na esperança de compreender a natureza e a função de um tipo de conhecimento que chamamos notícia”¹ (PARK:1950,VI). Um ano mais tarde, aconselhado pelo filósofo John Dewey de quem fora aluno na graduação em Michigan, Park viajou para a Alemanha, então o país com a mais larga tradição em pesquisa no campo do jornalismo, considerando que a primeira tese de doutorado fora defendida na Universidade de Leipzig em 1690 por Tobias Peucer.

Na Alemanha permaneceu por quatro anos, sendo aluno de Georg Simmel em Berlim, com quem confessa “recebi minha única formação em sociologia” (PARK:1950,VI) e de Wilhelm Windelband, que dirigiu sua tese de doutorado, primeiro em Strasburg e mais tarde em Heidelberg. Quando retorna aos Estados Unidos em 1903, Park trabalha por um ano como assistente de William James, em Harvard, até que, “cansado da vida acadêmica, com vontade de voltar ao mundo dos homens” (PARK:1950,VI) resolve participar do movimento de protesto contra a situação de exploração dos nativos africanos pelas tropas belgas de Leopoldo II no Congo, como secretário da Associação para a Reforma do Congo.

Entre 1904 e 1907 escreve quatro artigos sobre o Congo que são publicados em *The World To-Day* e *Everybody's Magazine* com a assinatura do líder negro Booker T. Washington. A convite de Washington, em 1905, aceita colaborar com o projeto

Tuskegee, de formação para os membros da comunidade negra no Alabama, assumindo as funções de secretário privado, analista de pesquisa e amanuense do líder negro. Desta experiência, de 7 anos, em que avalia aprendeu “mais sobre a natureza humana e o funcionamento da sociedade que em todos os estudos prévios que fizera na Universidade” (PARK:1950,VII), Park extrai um lição que cremos crucial como modelo metodológico para a pesquisa em jornalismo: “o conhecimento empírico em vez de substituir serve de base para uma pesquisa mais formal e sistemática” (PARK:1950,VII).

Convidado por W. I. Thomas em 1912, Robert Park ingressa como professor da Universidade de Chicago, fundada em 1898, tendo oferecido o primeiro curso no outono-inverno de 1913-1914. Neste mesmo ano entra para a Sociedade Americana de Sociologia, que viria a presidir em 1924. Pelas próximas duas décadas, Park que, mesmo tendo completado a titulação formal desde os 39, chegara a Chicago com 49 anos, assumiu a liderança dos estudantes de doutorado do recém criado departamento de sociologia.

Aposentado em Chicago em 1936, Park vai para a Universidade Fisk, em Nashville, criada em 1866, e uma das primeiras destinadas a educar os negros recém libertos da escravidão, lugar em que permanece orientando trabalhos de doutorado e publicando artigos na imprensa especializada até a sua morte em 7 de fevereiro de 1944. Lamentavelmente, somente um artigo da extensa obra de Park sobre o jornalismo está traduzido para o português, justo o mais o conhecido deles: A notícia como uma forma de conhecimento. Neste artigo destacaremos o que consideramos as contribuições

¹Todas as traduções dos artigos, feitas dos originais em inglês, são do próprio autor deste trabalho.

centrais de Park como um dos pioneiros na pesquisa em jornalismo no mundo.

1. A notícia como forma de conhecimento

Quem conhece a obra deste sociólogo sabe que muito antes de escrever este artigo seminal *News as form of Knowledge* em 1940 no *American Journal of Sociology*, quando avança para definir de modo mais claro o tipo de conhecimento dado pelo jornalismo, Park fizera todo um percurso acadêmico em busca da compreensão da natureza e da função desta modalidade de conhecimento chamada notícia. Como o objetivo, revelado na nota biográfica, era empreender este esforço “baixo a precisa e universal linguagem da ciência” (PARK: 1950,VI), Park submeteu-se à formação com alguns dos mais renomados pensadores norte-americanos e alemães de seu tempo.² Uma formação que o próprio Park reconheceu permitiu-lhe descobrir muito cedo, desde a época em que era editor de cidades em Detroit, “que o repórter que compreendia os fatos era um reformador muito mais efetivo que um editorialista que meramente prega de seu púlpito, não importa com que eloquência” (PARK:1950,VIII).

Neste período, em que contribuiu para a consolidação da sociologia como disciplina acadêmica nos Estados Unidos, como professor em Chicago, Park definiu o sociólogo “como um tipo de super repórter como os profissionais da *Fortune*, que escrevem mais exata e distanciadamente que a média, tendo a capacidade de interpretar as longas tendências sobre o que estava acontecendo na sociedade ao invés de permanecerem na superfície dos fenômenos, satisfeitos em observarem o que parece estar aconte-

cendo” (PARK:1950, IX). Anos antes de retornar à vida acadêmica, este tipo de preocupação levava Park, em 1894, na companhia de John Dewey e de Franklin Ford, a tentar lançar sem sucesso o jornal *Thought News*, que teria como função antecipar as tendências sociais (LYMAN:1992,VXI).

Numa época como a de Park, em que havia muito menos divisão do trabalho que, nas complexas sociedades contemporâneas, era comum salientar as semelhanças entre as atividades dos repórteres e dos sociólogos, com mais razão em casos como o de Robert Park, que chegara à sociologia com o objetivo de definir conceitualmente a natureza e a função das notícias e a sua influência no comportamento das pessoas. Mesmo muito tempo depois, nos anos 70 do século passado, em trabalhos de reconhecido valor no campo dos estudos sobre o jornalismo como o de Jeremy Tunstall (1970:277) ou Ribeiro (1993) continua se defendendo que existe um contínuo entre as atividades do repórter, como função paradigmática do jornalismo e o sociólogo. Na verdade, este tipo de definição desconsidera as funções e as particularidades do conhecimento produzido por cada um destes profissionais. Enquanto tanto o jornalismo quanto o sociólogo necessitam do domínio de conceitos elementares sobre a natureza das práticas sociais para atuar adequadamente, deveria ficar claro que existe uma diferença essencial no tipo de conhecimento elaborado. No caso do jornalista um conhecimento singular, contextualizado, mas de natureza não conceitual, que permita a compreensão ao nível do senso comum, enquanto que no caso do sociólogo, de natureza conceitual e sistêmico, destinado a públicos especializados, com formação específica.

²Em Michigan estudou com John Dewey; em Harvard com Hugo Münsterberg, George Santayana, Josiah Royce e William James e na Alemanha com Georg Simmel e Friederich Paulsen em Berlim em Strasburg com Wilhelm Wildemband, orientador de sua tese de doutorado, Georg Gerland e Theobald Ziegler e em Heidelberg com Alfred Hettner e Karl Rathgen.

1.1 Tipos de conhecimento especializado³

No ensaio *News as form of knowledge* – a chapter of sociology of knowledge⁴, Robert Park parte da distinção entre o que considera como conhecimento familiarizado com ou adquirido e conhecimento sobre ou acerca de para fundamentar o conceito de notícia como uma manifestação da sociologia do conhecimento. O conhecimento familiarizado com ou adquirido seria uma espécie de conhecimento que o indivíduo inevitavelmente adquire no curso de encontros pessoais e de primeira mão ao longo da vida.

“Tal conhecimento pode ser concebido como uma forma de ajuste organizado ou adaptação ao entorno social, representando uma acumulação e se apresentando como uma mistura de experiências.” (PARK:1969,34)

Como este tipo de conhecimento orienta os indivíduos na vida diária, poderia se considerar que se trata do conhecimento por excelência que sustenta o senso comum na sociedade. Apesar de que são características que os indivíduos adquirem de modo inconsciente como resultado de suas experiências, a partir do momento em que são adquiridas, como afirma Park, tendem a se tornar atributos individuais e pessoais:

“Se poderia descrevê-las como traços de personalidade – alguma coisa que, em alguma medida não pode ser apresentada de um indivíduo ao outro por declarações formais (...) Nosso conhecimento das outras pessoas e da natureza humana, sustenta Park, parece ser desta espécie, devido a que nós conhecemos as mentes dos outros da mesma maneira que nós conhecemos as nossas, in-

tuitivamente.” (PARK:1969,34)

O conhecimento sintético, que se inscreve em hábitos e costumes, difere do conhecimento analítico e formal porque sua finalidade, defende Park, não é ser comunicado. Se o é, por alguma extensão, comunicado aos demais indivíduos, será mais através de máximas práticas que na forma de hipóteses. Quando estabelece esta distinção, Park toma o cuidado de ressaltar que dizer que o conhecimento adquirido não se transmite por meio de proposições formais não é o mesmo que dizer que o conhecimento analítico possa ou deva desconsiderar o saber acumulado pelo senso comum:

“Um amplo e íntimo conhecimento adquirido dos homens e das coisas são essenciais para a grande maioria dos nossos juízos, tanto em matérias práticas como também em aquelas instituições em que os especialistas dependem em circunstâncias difíceis e em aqueles conhecimentos repentinos, que, na evolução da ciência, estão freqüentemente na ante-sala de importantes descobrimentos.” (PARK: 1969,36)

Em contraste com o conhecimento adquirido pela experiência empírica, estaria o conhecimento acerca de ou sobre algo que seria formal, racional, sistemático e resultaria da observação sistemática dos eventos, mas observação de fatos postos à prova e classificados em conformidade com os objetivos e pontos de vista de uma determinada metodologia científica:

“O conhecimento acerca de é formal porque é o conhecimento logrado com algum grau de extensão e precisão por substituição da realidade concreta pelas idéias e de palavras pelas coisas... Os três tipos fundamentais de conhecimento analítico são: 1) filosófico e ló-

³Neste tópico transcrevemos parte do capítulo 1 da tese de doutorado *La estructura de la noticia en las redes digitales – las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo*, defendida pelo autor na Universidade Autônoma de Barcelona, em 2000. Uma versão online em castelhano da tese encontra-se disponível na página do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Bahia no endereço: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2000_goncalves_tese_doutorado.zip

⁴PARK, Robert. *News a form of knowledge. A Chapter of knowledge In On control and collective behavior. Selected Papers.* TURNER, Ralph H. (Ed.), Chicago: Phoenix Books and University of Chicago Press, 2ª ed. 1969.

gico, que estão preocupados primeiramente com idéias; 2) as ciências históricas, que estão primeiramente preocupadas por eventos e 3) as ciências naturais, que estão primeiramente preocupadas por coisas...” (PARK: 1969,36-7).

No modelo esboçado por Park, o que caracterizaria de forma única o conhecimento científico, uma vez contrastado com outras formas de conhecimento, seria sua capacidade de ser comunicável por extensão, enquanto que tanto o conhecimento do senso comum, quanto aquele baseado nas experiências práticas ou clínicas não o seria. O conhecimento científico seria comunicável, argumenta Park, porque seus problemas e soluções não são expostos apenas em termos lógicos e inteligíveis, mas porque estas formas podem ser provadas por experimentos ou por referência à realidade empírica descrita nos conceitos (PARK: 1969,38).

O conhecimento adquirido que, para Park, está baseado na acumulação lenta da experiência e da acomodação do indivíduo a seu mundo pessoal, torna-se cada vez mais meramente idêntico ao instinto e a intuição, enquanto que o conhecimento sobre ou acerca de não se trata simplesmente da experiência acumulada, mas do resultado de pesquisa sistemática:

“É conhecimento perseguido metodicamente com todos os aparatos formais e lógicos criados pelos cientistas, ainda que genericamente falando, não exista nenhum método que em seu conjunto seja independente da intuição e de conhecimentos repentinos, advindos do conhecimento adquirido das coisas e dos eventos.” (PARK:1969,38-39)

“...a notícia, como uma forma de conhecimento que se diferencia do conhecimento histórico, está primariamente preocupada com o presente, como disse Park, mas como o passado e o futuro são essenciais...”

1.2 Implicações para a definição de notícia

O principal problema de tal distinção, por mais que seja inegável o pioneirismo dela, consiste nas consequências de sua aplicação para a definição de notícia. Ao tentar distinguir o conhecimento típico das ciências, do conhecimento inerente às notícias, Park acentua as diferenças entre ambos tomando como parâmetro o conhecimento científico e, ao final, deixa de caracterizar a especificidade do conhecimento jornalístico, ao considerá-lo similar ao conhecimento do senso comum:

“...as notícias se referem a acontecimentos isolados e não buscam relacioná-los uns aos outros em forma causal ou em forma de seqüências teleológicas. Enquanto a História, mais que descrever eventos, busca situá-los em seu próprio lugar dentro de uma sucessão no tempo, descobrindo as tendências fundamentais e forças expressas nos fatos, um repórter busca meramente registrar cada evento singular e está preocupado com o passado e o futuro somente na medida que possam lançar luzes sobre o que seja atual e presente.” (PARK:1969, 39-40)

É certo que a notícia, como uma forma de conhecimento que se diferencia do conhecimento histórico, está primariamente preocupada com o presente, como disse Park, mas como o passado e o futuro são essenciais uma vez que lançam luzes sobre o que seja atual e presente, parece mais adequado dizer que mais que a utilização de um dos estágios do tempo ou o caráter contextual dos eventos, o que diferencia o jornalismo das Ciências Sociais é o método com que analisam os fenômenos e a

forma em que os produtos destas práticas são apresentados. Dado que compara o conhecimento jornalístico ao do senso comum, Park conclui que a notícia “por não impor qualquer esforço ao repórter para interpretá-la, cumpre, em algum modo, a mesma função para o público que a percepção individualmente para os homens.” (PARK:1969,41-42)

A tese de Park desconsidera que a natureza da representação da realidade produzida pelas organizações jornalísticas mais que basear-se nos princípios da percepção individual cria uma realidade distinta:

“...não somente porque nos mostram acontecimentos em que não poderíamos participar, mas porque, nos que temos participado, nos aproximam aos fatos de uma forma nova, mais ‘real’. Além do que os acontecimentos, que por si são evanescentes, se convertem em sua representação nos meios, em manifestações perduráveis, em documentos. Por último, estabelece-se no público a sensação da participação afetiva no acontecimento, ainda que, de fato, seja uma participação alienada, alheia ao acontecimento em si.” (ALSINA: 1993, 90-91)

A caracterização que Park faz da notícia é sempre em termos genéricos⁵. Como exemplo podemos citar quando sustenta o que é que faz com que as pessoas conversem ou o que distingue a notícia de outros tipos de conhecimento menos autênticos como a conversa ou o rumor é o seu caráter público. Para Park a qualidade de notícia do relato de um evento depende dos canais em que circula. A autenticidade do relato de uma notícia sempre está vinculada a sua exposição a crítica e ao juízo do público a que está dirigida e de cujos interesses se ocupa. Nestes dois casos, as caracterís-

ticas apresentadas – fazer com que as pessoas conversem e circulação pública – não são uma particularidade das notícias. Um capítulo de uma telenovela, por exemplo, cumpre com estes dois requisitos sem ser um produto de natureza jornalística.

O mais curioso nas notícias, pontua Park, é que, ainda que a matéria bruta com que as façamos contenha um componente inesperado, não é o totalmente inesperado o que aparece como notícia. O que tem interesse como notícia são os eventos de atualidade, que apesar de serem esperados, não são de todo previsíveis. A especificidade da notícia, portanto, não consiste em suas temáticas, comuns a outros tipos de relatos, mas ao tratamento que recebe o tema e as funções sociais que cumpre.

“Como trata de matérias simples, de nascimentos e mortes, condições de colheita, negócios ou guerras, a notícia tem para as pessoas um interesse mais pragmático que apreciativo e, em geral, quando não sempre, registra eventos que irrompem repentinamente e servem a mudanças decisivas.” (PARK: 1969,45-46)

Mesmo que reconheça que muitas das formas de conhecimento que lograram dignidade de serem aceitas como ciência são muito recentes e que a notícia representa uma das formas mais novas de conhecimento, Park, ao mesmo tempo, afirma que a notícia, considerada como uma das formas mais elementais de conhecimento, é tão velha como a humanidade; talvez mais velha (PARK:1969,45-46). Se a função da notícia é orientar as pessoas e a sociedade dentro de um mundo atual e complexo, então parece um equívoco afirmar, como o faz Park, que a notícia existia em um mundo onde não havia nem história, mas apenas

⁵E, como veremos adiante, porque estava adaptada a um tipo de jornalismo praticado em uma sociedade e em organizações menos complexas, exclui formas atuais de jornalismo como o de investigação e as formas chamadas interpretativas, para não falarmos do jornalismo digital. Ver BERGANZA, Rosa. O contributo da escola de Chicago para o jornalismo contemporâneo. In TRAQUINA, Nelson. (Org.) Revista Comunicação e Linguagens. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. 27, 2000, p.361.

mito, lenda e magia.

Diferente do diálogo, que funciona como um mecanismo para a interação interpessoal e que até o desenvolvimento das comunidades virtuais estava restrita a pequenos grupos locais, nas sociedades complexas da produção da notícia depende da intervenção de canais institucionais. A imediata relevância das notícias para as ações das pessoas transformou as empresas jornalísticas em fontes essenciais e isso, sustentava Park, as obriga a definir procedimentos para a busca, processamento e disseminação dos eventos. O caráter institucional não exclui o conteúdo das notícias de erros nem autoriza a empresa jornalística ao monopólio na confirmação da realidade circundante. Bem ao contrário, as formas de conhecimento são complementares e, na contramão do que defende Shibutani, parece mais adequado conceber o rumor como um substituto da notícia do que o rumor como uma modalidade de notícia (SHI-BUTANI:1966,17).

Ao chegarmos ao fim dos comentários deste primeiro tópico parece essencial reafirmar que Park foi o primeiro que ousou definir a natureza do conhecimento produzido pelo jornalismo. Como vimos, até pelo caráter muito menos sistemático dos estudos daquele período, muitas vezes, Park apresentava caracterizações contraditórias, quando não excessivamente genéricas, sem uma fundamentação mais sistemática. Para quem lê a obra ensaística de Park, fica uma certa sensação de incompletude porque cada texto funcionava como uma espécie de balão de ensaio com intuições provisórias a serem testadas em estudos de campo pelos doutorandos de Chicago ou mesmo refinadas pelo autor em trabalhos futuros. Um aspecto menor, certamente, quando comparamos com as

“...para intelectuais do porte de Upton Sinclair, de um lado, o jornal era um crime, um símbolo de prostituição e para os áulicos de plantão, de outro, representava a tribuna do povo...”

intuições lúcidas e de extrema atualidade contidas em seus pequenos ensaios.

2. O jornalismo como instituição social

Em um artigo muito menos conhecido, escrito para o *American Journal of Sociology* em 1923, *Natural History of the Newspaper*, Robert Park apresenta um conjunto de comentários sobre a natureza do jornal, vários deles com um nítido viés evolucionista como, por exemplo, “a história natural do jornal é a história da sobrevivência das espécies” (PARK:1955, 89). Quando para intelectuais do porte de Upton Sinclair, de um lado, o jornal era um crime, um símbolo de prostituição e para os áulicos de plantão, de outro, representava a tribuna do povo, Park teve a sagacidade de sociólogo para perceber que o que mais interessava naquele momento era identificar o jornal como uma instituição social, nascida para atender as demandas comunicativas de uma sociedade moderna cada vez mais complexa.

Como instituição social contraditória Park, para mal-estar dos moralistas, afirmava neste artigo que “a imprensa, de verdade existente, não é como nossos moralistas algumas vezes parecem assumir o plenamente pensado produto de um pequeno grupo de homens inteligentes. Ao contrário, a imprensa resulta de um processo histórico que conta com a participação de muitos indivíduos que não têm a capacidade de antever os produtos de suas ações”...(PARK:1955,89). O jornal, como a cidade moderna, não era um produto totalmente racional. E, no melhor estilo darwinista, arrematava: “o tipo de imprensa que existe é o tipo que sobreviveu às condições da vida moderna” (PARK: 1955,89).

Naquela época como agora ficava evi-

dente que a divergência de pontos de vista revelava que o jornal sequer fora incorporado como uma instituição social assimilada como essencial por todos os setores da comunidade e, como conseqüência, longe estava de poder merecer a atenção dos estudiosos de então porque não conseguira impor-se como objeto digno de pesquisa. Resultado: pouco ou nada se sabia sobre a natureza do jornal. Em primeiro lugar porque, como uma instituição social moderna, o jornal tinha muito pouco tempo de vida e o processo de transformações havia sido muito mais rápido que a capacidade dos estudiosos de compreender a verdadeira natureza destas organizações. Uma natureza que para ser compreendida em sua plenitude exigia uma análise histórica desta instituição.

Em vez de repelir as mudanças drásticas que cada organização apresentava como um sintoma de transformações profundas que passava a sociedade, Park buscava estabelecer um eixo de continuidades que permitiria demonstrar que, para além das alterações momentâneas, permanecia a instituição jornal. Como de praxe Park, dono de uma aguda percepção dos processos sociais, indicava possibilidades de pesquisa, mais que sistematizava teorias. Uma certa limitação que pode ter provocado um sub-aproveitamento destas intuições. Muitas delas somente muitos anos depois retomadas em trabalhos recentes como a distinção entre jornalismo como instituição, que assume determinadas funções sociais ao longo do tempo, e jornal como organização, que materializa as funções institucionais do jornalismo em cada período histórico⁶.

Como vivíamos em um tempo muito menos complexo, com um ecossistema comunicativo mais simples, para Park, jornalismo era sinônimo de jornal. Em todo

caso, o que importa aqui, mais que frisar a necessidade de uma atualização destas contribuições ao cenário contemporâneo, uma evidência inevitável do caráter perecível de qualquer teoria, é chamar a atenção para a atualidade do modelo operativo desenvolvido pelo sociólogo norte-americano. Ao definir o jornal como instituição Park o caracteriza como um componente estrutural da sociedade e, por isso mesmo, consegue ir além do julgamento moral, ao compreender que mais importante do que saber se o jornal era bom ou ruim, o que todos necessitavam então era saber o que era, conceitualmente falando, o jornal como instituição. Este tipo de procedimento possibilitou a Park em vez de condenar as mudanças vividas pelas organizações jornalísticas concretas, incluindo o processo de incorporação da publicidade como fonte de financiamento, as identificar como sintomas de transformações sociais mais amplas decorrentes da institucionalização do jornalismo.

2.1 Atualidade do modelo conceitual

Como vimos antes, feitas as ressalvas de que o ecossistema comunicativo no campo jornalístico supera em muito a imprensa e que enquanto organização o jornalismo somente engatinhava naquele período, no plano da institucionalização, o modelo operativo de Park continua, em parte, atual. Em parte porque, naquele tempo, Park lutava para que a notícia fosse objeto de estudo científico e o jornal fosse reconhecido como uma instituição social. Passados mais de cem anos da defesa de sua tese de doutorado, em 1903, percebemos como o aprofundamento do modelo metodológico proposto por Park acabaria por nos levar a duas conseqüências imediatas: 1) necessitamos reconhecer que enquanto no come-

⁶Uma boa discussão sobre as diferenças do jornalismo como instituição e como organização pode ser encontrada em GUERRA, Josenildo. O percurso interpretativo da notícia. Tese de doutorado. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2003.

ço do século passado Park buscava legitimar a sociologia, agora o próprio jornalismo assume a condição de campo científico e 2) que o estudo do jornalismo como objeto científico deveria considerar que enquanto discurso o jornalismo contém um diversidade de gêneros, sendo um deles a notícia.

Como a empresa jornalística padrão era incipiente, com limitado número de funções na divisão interna do trabalho, Park sequer propôs uma tipologia que, indo além da convencional notícias e editorial, desse conta a variedade de gêneros jornalísticos, a começar pelo colunismo, consolidado nos anos 30 do século passado. Em artigos como *Foreign Language Press*, (1920), *The Natural History of Newspaper* (1923), *Immigrant Community and Immigrant Press*, (1925), *News and the human interest History*, (1940), *News as form Knowledge*, (1940) *News and the Power of the Press* (1941), e *Moral and The News* (1941), quando comenta as transformações porque vem passando o jornal como instituição, Park aponta uma série de indícios, lamentavelmente, muito pouco explorados com o falecimento dele em 1944.

Uma das poucas exceções, em que antes de morrer, Park conseguiu traduzir suas intuições no jornalismo em estudos sistemáticos ocorreu com a tese que orientou de Helen Hughes sobre as chamadas notícias de interesse humano, publicada em 1940. Com perspicácia, neste trabalho, muito pouco conhecido da comunidade de especialistas portugueses porque continua inédito em nossa língua, Helen – que o considera como uma obra quase co-escrita com Park⁷ – capta uma mudança substantiva no jornalismo, com a popularização da imprensa: o conceito de noticiabilidade estava mudando, com o valor-notícia importância, perdendo terreno de forma cons-

tante para o valor-notícia interesse.

Quando revela o caráter mutável dos valores-notícia o estudo de Hughes apresenta uma contribuição essencial para a compreensão dos processos de produção institucionalizada de informações pelas organizações jornalísticas. Uma contribuição que realça o componente vivo destes princípios norteadores dos processos de tomada de decisão pelos profissionais dentro das redações. Em vez de descritos como regras imutáveis a que os jornalistas devem se adequar, o estudo de Hughes demonstra que ocorre o inverso, uma vez que a institucionalização do jornalismo pressupõe uma contínua mudança nestes valores como mecanismo de adequação entre as demandas que são apresentadas pela sociedade e as funções do jornalismo como instituição e o modo como estas demandas são materializadas pelas organizações jornalísticas de cada lugar.

Como um conjunto, a obra de Park demonstra que quanto mais complexa a sociedade mais aumenta a institucionalização das práticas sociais. Em plena Guerra Mundial, preocupado com o uso das organizações jornalísticas para intervir no espírito da opinião pública, no artigo *Moral and the News* (1941), Park adota uma posição metodológica que deveria servir de modelo aos pesquisadores de nossos dias, que provavelmente aceitariam o apagamento das diferenças como uma manifestação do hibridismo que caracteriza os discursos da contemporaneidade: estabelece uma distinção conceitual entre o que seja notícia e propaganda.

“A qualidade essencial, ou intrínseca das notícias é sempre difícil de ser definida, mas notícia não é propaganda (...) Notícias e fatos são sempre capazes de mais do que uma

⁷“Eu estou em débito com ele (Robert Park) em ponto de vista, escolha do assunto e, eu suspeito, algumas vezes no uso das próprias frases. Qualquer um quem compartilhou comigo a boa sorte em ser sua estudante reconhecerá as marcas de sua intelectual generosidade...” HUGES, Helen. *News and the Human Interest Story*. New Nersey, TA, 1981, 2a ed., 1ª ed, University of Chicago Press, 1940, em agradecimentos.

interpretação e isto seria fatal – reflexão é sempre fatal – para a propaganda.” (PARK: 1955:130)

Neste artigo que, pelo didatismo mereceria ser traduzido e incluído em qualquer aula de teorias do jornalismo, Park defende o caráter contraproducente da notícia para a ação política ou para a afirmação moral.

“A tendência da notícia é dispersar e distrair a atenção e então decrescer mais que aumentar a tensão. A função ordinária da notícia é manter os indivíduos e as sociedades orientados e em contato com o mundo para adaptações aos ajustes ocorridos na realidade. Não é ordinariamente uma função da notícia provocar movimentos sociais seculares, responsáveis por conseqüências catastróficas” (PARK:1955,140).

Antes que possa aparecer alguém que mal interprete o comentário de Park, que poderia ser acusado por um leitor apressado de desconsiderar a função desempenhada pelo jornal como instituição na formação da opinião pública, apresso-me a esclarecer que em vez de negar a função política do jornal, o que o autor na verdade quer é definir as particularidades de intervenção da instituição jornalismo como ator político no processo de formação da opinião pública:

“O poder da imprensa é a influência que o jornal exerce na formação da opinião pública e em mobilizar a comunidade para a ação política. É óbvio que a imprensa tem sido em todos os lugares um importante instrumento na formulação da agenda política e em vários modos e estágios tem jogado um importante papel no processo político.” (PARK:1955,115)

Conclusões

Mais de sessenta anos após a sua morte, em 1944, a quase totalidade da obra de Robert Park continua desconhecida dos leitores de língua portuguesa. Como vimos neste artigo, a riqueza das contribuições, teorias e intuições elaboradas pelo autor dão uma dimensão do que significa para a pesquisa em jornalismo o desconhecimento de uma bibliografia seminal como a deste brilhante pioneiro. Mesmo considerado marginal como estudioso do jornalismo nos Estados Unidos, que até bem pouco tempo, preferiu adotar como modelo dominante a matriz funcionalista, o legado de Robert Park continua servindo como um parâmetro essencial, que permite uma produção regular de seus seguidores para os estudos no campo do jornalismo como nos trabalhos de Lyman⁸.

Na Europa, desde os anos 60 do século passado, o grupo em torno de Jeremy Tunstall (1970, 1972) desenvolve uma tradição de pesquisa que, mesmo com padrões próprios, tem como grande mérito recuperar os trabalhos pioneiros de Park. Desde os anos 70, Giovanni Bechelloni (1975, 1985) tem incorporado na Itália, antes em Nápolis e agora, na Universidade de Florença⁹, os estudos de Park. Na Espanha, depois de muito tempo, desde o começo dos anos 90, um grupo de pesquisadores¹⁰, principalmente na Universidade de Navarra, resolveu dar atenção mais detalhada à obra de Robert Park.

No caso dos países de língua portuguesa a obra de Park continua uma ilustre desconhecida. Somente muito recentemente, graças ao esforço de Pissarra Esteves, traduziu-se pela primeira vez em Portugal, o artigo Notícia como forma de conhecimento, em coletânea publicada pelo Centro de Investigação Media e Jornalismo, coor-

⁸LYMAN, Stanford. Militarism, imperialism and racial accommodation. An Análisis and interpretation of the Early Writing of Robert E. Park. Fayetteville, Arizona University Press. 1992.

⁹Um dos discípulos mais brilhantes de Bechelloni, Carlo Sorrentino, tem vários livros em que continua a tradição dos estudos sociológicos no estilo de Park. Ver *Il percorsi della notizia*. Bologna. Baskerville. 1996. *Cambio di rotta*. Napoli. Ligouri. 1999 e *Il Giornalismo*. Que cos'è e como funciona. Roma: Carocci, 2002.

¹⁰Ver MARTIN, López. *Sociología de la Opinión Pública*. Beramar, Madrid. 1990 e SANCHEZ DE LA YNCERA, I. e LOPEZ-ESCOBAR, E. *Los barruntos de Park*. Antes de Chicago. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, no 74, 1996, p.345-361. E, mais recentemente, BERGANZA, Rosa. *Comunicación, Opinión Pública y Prensa en la Sociología de Robert E. Park*. Madrid. Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000.

¹¹GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da Pirâmide. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre. Tchê!, 1987, pp. 55-68.

¹²ROSTEN, Leo. Washington Correspondents. New York. 1937. HUGHES, Helen. News and the Human Interest Story. New Jersey: TA, 1981, 1ª ed. 1940 Chicago University Press. COHEN, Bernard. The Press and Foreign Policy. Princeton: Princeton University Press, 1963. NIMMO, Dan. Newsgathering in Washington. New York: Atherton Press, 1964. SEYMOUR-URE, Colin. The Press Politics & the Public. London, Methuen, 1968. TUNSTALL, Jeremy. Journalists at Work. Specialist correspondent, theirs news organizations, news sources & competitor-colleagues. London: Constable, 1970. SIGAL, Leon. Reporters officials. Lexington: Heath and Company, 1973. BREED, Warren. The News and Newspaperman. New York. Arno Press. 1980. ROSCHO, Bernard. Newsmaking. Chicago. Chicago University Press. 1975. TUCHMAN, Gaye. Making News. Glencoe. The Free Press, 1978. GANS, Herbert. Deciding what is News. FISHMAN, Mark. Manufacturing the News. Austin: University of Texas Press. 1980.

denado por Nelson Traquina. Neste caso, felizmente, desde o começo da década de 70, existia uma tradução brasileira. O desconhecimento da obra permite que, inclusive quando se recupera a contribuição de Park, ocorra uma recepção enviesada, como no caso de Genro Filho (1987), que numa diatribe desnecessária, acusava Robert Park de funcionalista¹¹. Na verdade, Park, como todo o fundador de uma Escola, desenvolveu um método próprio de pesquisa, original, inovador e muito comprometido com os princípios do pragmatismo, que aprendera com John Dewey e William James.

E, é no campo metodológico, afora as contribuições conceituais, que gostaríamos de frisar o aporte de Robert Park. Desde muito cedo acostumado ao trabalho coletivo nas redações, Park sempre pensou a pesquisa como trabalho de grupo, em que cada um exerce uma função na divisão social. De toda a extensa obra produzida, em somente dois livros, *Crowd and Public* e *The immigrant Press and its problem*, Park assina individualmente. No restante, opta pelo texto produzido em parceria, na maioria dos casos com colegas de Departamento. Neste contexto, pode-se compreender melhor o estilo ensaístico priorizado pelo autor desde quando chega a Chicago. Se verificarmos com mais cuidado a relação existente entre as pistas apontadas nestes ensaios e as teses de doutorado orientadas por Park, veremos que cada ensaio funcionava como uma espécie de programa, que apresentava uma série de pistas a serem sistematicamente estudadas pelos estudantes.

E, por fim gostaríamos de destacar, que o mais original neste método de trabalho, consiste em que o próprio jornal ou o local da pesquisa – fosse a Fábrica, o Gueto, o

Jornal, as Minas ou as Ruas de Chicago, funcionava como um laboratório para a produção conceitual. Muito distinto dos sociólogos funcionalistas, mais preocupados com estudos de casos individualizados, no método desenvolvido por Robert Park, cada estudo de caso revestia-se de relevo porque tomava a forma da manifestação de um sintoma ou tendência em estágio de institucionalização na sociedade. Este modelo de pesquisa repercutiu e continua repercutindo de tal modo no campo do jornalismo que, mesmo com matrizes teóricas distintas, perpassa alguns dos melhores estudos sobre o jornalismo ao longo dos últimos 70 anos na Europa e nos Estados Unidos¹².

BECELLONI, Giovanni. *Il mistieri Giornalismo*. Napoli: Liguori, 1985.

BECELLONI, Giovanni. *Giornalismo e Postgiornalismo*. Napoli: Liguori, 1995.

BREED, Warren. *The News and News-paperman*. New York: Arno Press, 1980.

COHEN, Bernard. *The Press and Foreign Policy*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

DEWEY, John. *The public its problems*. Athens:

Elias Machado

O autor é jornalista e Doutor em Jornalismo, e professor da Universidade Federal da Bahia. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e presidente da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - <http://www.sbpjor.org.br>

Bibliografia

Ohio University Press, 1ª ed, 1927.

FISHMAN, Mark. *Manufacturing the News*. Austin: University of Texas Press, 1980.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da Pirâmide*.

- Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987, pp. 55-68.
- GUERRA, Josenildo. O percurso interpretativo da notícia. Tese de doutorado. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2003.
- GANS, Herbert. *Deciding what's News*. New York: Vintage Books, 1980. 1ª ed, 1979.
- HUGHES, Helen. *News and the Human Interest Story*. New Jersey: TA, 1981. 1ª ed, Chicago University Press, 1940.
- LYMAN, Stanford. Militarism, imperialism and racial accommodation. An *Análisis* and interpretation of the Early Writing of Robert Park. Fayetteville: Arizona University Press, 1992.
- MACHADO, Elias. *La estructura de la noticia en las redes digitales*. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona. Departamento de Jornalismo, 2000.
- MARTIN, López E. *Sociología de la Opinión Publica*. Madrid: Beramar, 1990.
- MATHEWS, F.H. *Quest for an american sociology: Robert E. Park and the Chicago School*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1977.
- NIMMO, Dan. *Newsgathering in Washington*. New York: Atherton Press, 1964.
- PARK, Robert E. *The Crowd and the Public and Other Essays*. Chicago: Chicago University Press. 1972. 1ª ed, Berna, 1903.
- PARK, Robert E. *The Collected Papers Robert E. Park I*, Glencoe. The Free Press, 1950.
- _____. *The Collected Papers Robert E. Park II*, Glencoe. The Free Press, 1953.
- _____. *The Collected Papers Robert E. Park III*, Glencoe. The Free Press, 1955.
- _____ and BURGUESS, Ernest W. *The City*. Chicago: Chicago University Press, 1925.
- _____. *The immigrant Press and its Problem*. New York, 1921.
- _____. *News a form of knowledge. A Chapter of knowledge*. In: *On control and collective behavior. Selected Papers*. TURNER, Ralph H. (Ed.), Chicago: Phoenix Books and University of Chicago Press, 2ª ed, 1969.
- _____. *A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento*. In: STEINBERG, Charles (Org.) *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo: Cultrix, s/d. p.168-85.
- RAUSHENBUSH, W. Robert E. *Prk: biography of a sociologist*. Durham, N.C.: Duke University, 1979.
- ROSTEN, Leo. *Washington Correspondents*. New York, 1937.
- ROSCHO, Bernard. *Newsmaking*. Chicago: Chicago University Press, 1975.
- SANCHEZ DE LA YNCERA, I. e LOPEZ-ESCOBAR, E. *Los barruntos de Park*. Antes de Chicago. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, nº 74, 1996, pp.345-361.
- SCHUDSON, Michael. *Discovering news*. New York: Basic Books, 1980.
- _____. *The power of news*. Cambridge: Harvard University Press, 1995.
- SEYMOUR-URE, Colin. *The Press Politics & the Public*. London: Methuen, 1968.
- SIGAL, Leon. *Reporters officials*. Lexington: Heath and Company, 1973.
- SORRENTINO, Carlo. *Il percorsi della notizia*. Bologna: Baskerville, 1996.
- _____. *Cambio di rotta*. Napoli: Ligouri, 1999
- _____. *Il Giornalismo. Que cos'è e como funciona*. Roma: Carocci, 2002.
- SHIBUTANI, TOMATSU. *Improvised News. A Sociológica study of rumor*. New York: Bobbs-Merril, 1966.
- TRAQUINA, Nelson. (Org.) *Revista Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2000, p.361.
- TUNSTALL, Jeremy. *Journalists at Work. Specialist correspondent, theirs news organizations, news sources & competitor-colleagues*. London: Constable, 1970.
- _____. *The Westminster Correspondentes. A sociological study of national political journalism*. London: Routledge and Paul Keagan, 1970.
- TUCHMAN, Gaye. *Making News*. Glencoe. The Free Press, 1978.